

## **O Conflito árabe-judaico no sul do Brasil - maio e junho de 1948.**

**Carlos Eduardo Bartel**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

**Resumo:** O artigo aborda o conflito entre *árabes e judeus* ocorrido em Porto Alegre nos meses de maio e junho de 1948, em decorrência da chamada *Guerra de Independência*. Envolvendo inicialmente imigrantes e descendentes de sírios, libaneses e judeus, o confronto se desenvolveu através de textos publicados em jornais da capital gaúcha, escritos por membros dos respectivos grupos, polarizados através de critérios étnicos e nacionais. O presente artigo tem como propósito analisar o que estava em jogo nessa disputa, quais os objetivos visados por estes grupos ao acionar suas respectivas identidades étnicas e nacionais, e como os mesmos se apresentaram e foram percebidos publicamente pelos demais cidadãos, que se envolveram na questão, seja por meio de suas opiniões, avaliações ou até mesmo se posicionando de um ou de outro lado.

**Palavras-Chave:** Identidade Nacional – Grupos Étnicos – Estado de Israel

### **O Conflito árabe-judeu no sul do Brasil**

A chamada Guerra de Independência surgida em função da criação de Israel<sup>1</sup> propiciou em diversas localidades do globo a união e a mobilização de diferentes grupos judeus, sionistas e não-sionistas, os quais momentaneamente deixaram de lado suas divergências e diferenças internas para combater um inimigo comum que ameaçava a existência do recém criado Estado judeu. No Rio Grande do Sul, tanto imigrantes judeus e seus descendentes, quanto árabes não ficaram indiferentes a Guerra transcorrida no Oriente Médio. Igualmente, convém referir que o conflito reproduzido no estado sulino permeou e envolveu na discussão ainda um terceiro grupo, auto-denominado como os *genuinamente nacionais*.

---

<sup>1</sup> A Guerra de Independência (1948-1949) contrapôs o exército israelense aos exércitos de cinco países: Egito, Síria, Líbano, Iraque e Transjordânia (atual Jordânia) e ao Exército de Libertação Árabe, formado por árabes da própria Palestina. Sua causa imediata esteve ligada à não aceitação por parte dos árabes do plano de partilha da Palestina aprovado na Assembléia Geral das Nações Unidas, em 1947.

Para elaboração deste texto o caminho seguido foi o de analisar, comparar e confrontar entre si as fontes pesquisadas. Utilizei em sua grande maioria fontes jornalísticas, por uma simples razão, foi através dos e nos jornais que se desenvolveu o conflito aqui abordado.<sup>2</sup> Consultei quatro jornais que circulavam diariamente na capital gaúcha, em 1948, dois de grande tiragem e circulação: o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, outro de menor expressão se comparado com os dois primeiros, o *Jornal do Dia*, e, por fim, a *Folha da Tarde*, também do grupo editor do *Correio do Povo*, e considerado de médio porte em relação aos demais.

Ao consultá-los, a idéia inicial era verificar como os *judeus-gaúchos* se apresentavam publicamente e como desejavam ser vistos. Pretendia assim, encontrar indícios que tornassem visíveis a presença e as diferentes estratégias utilizadas pelos emissários da Organização Sionista Mundial que visitaram o Brasil para criação da identidade judaica vinculada a Israel. Porém, os jornais superaram as expectativas iniciais visto que, neste espaço privilegiado de manifestação e circulação das idéias, encontrei uma querela, ou melhor, uma *luta simbólica* entre dois grupos, que interagindo em um mesmo contexto, manusearam e acionaram símbolos e representações, jogando *o jogo das identidades*, conforme expressão cunhada por Stuart Hall.<sup>3</sup> Surgiram daí, novas perguntas: quais os objetivos desses imigrantes e seus descendentes ao defenderem suas causas, o que estava em jogo nessa disputa e o que tinham a ganhar ou a perder?

Ao analisar os jornais, comparando-os com outras fontes, foi possível constatar que apesar das disputas internas entre os grupos sionistas que discordavam nos métodos e nas estratégias utilizadas para se alcançar tal objetivo, a comunidade judaica sul-rio-grandense uniu seus caminhos em torno de alguns projetos em comum, um desses foi a formação de um grupo coeso para enfrentar seus opositores. Cabe ainda dizer que ambos os grupos - judeus e árabes -, favoráveis e contrários ao Estado judeu, tinham em comum um mesmo objetivo, a ser analisado ao longo do texto.

### **A criação de Israel: comemoração e repercussão na imprensa porto-alegrense**

---

<sup>2</sup> Convém referir assim que os jornais são aqui analisados jornais como fonte e objeto de pesquisa.

<sup>3</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Em meados de junho um caso de polícia ocorrido no Rio Grande do Sul ganhava as páginas de importantes jornais do centro do país, os quais citavam uma discussão travada na capital gaúcha entre *árabes* e *judeus* a respeito da criação de Israel e da Guerra de Independência.

A revista *Aonde Vamos?*,<sup>4</sup> de 24 de junho de 1948, ao citar os periódicos: *O Jornal* e *A Noite* de 19 de junho, relata que ambos noticiaram uma reunião realizada no *Círculo Policial Porto-Alegrense*,<sup>5</sup> na qual “a polícia conseguiu harmonizar as coletividades judia e árabe de Porto Alegre, agitadas em razão dos acontecimentos da Palestina”. Na reunião, que contou com a presença de líderes das respectivas comunidades, acompanhados de “uma pequena multidão de israelitas e maometanos, ficou deliberado suspender toda e qualquer publicação nos jornais em favor de uma ou outra das facções”.

Visto isso, cabe referir que ao ser aprovada a Declaração de Independência de Israel em Tel Aviv “um ambiente de festa e alegria dominou a cidade, muitos dançando na rua, porém nos muros cartazes da *Haganá* lembravam a ameaça de invasão árabe”.<sup>6</sup> Ao recordar como o acontecimento foi recebido em Porto Alegre, um depoente refere que “...houve [festa] sim. Não vou dizer que pessoas dançaram nas ruas, mas que houve muitos meetings no Círculo [Social Israelita], de apoio, em regozijo pela independência de Israel”.<sup>7</sup>

A revista *Aonde Vamos?* que cobriu as comemorações, acerca da fundação de Israel, em algumas cidades brasileiras refere em sua edição de 20 de maio de 1948 o seguinte: “a declaração de independência do Estado judeu, a República de Israel, trouxe júbilo, alegria e comoção ao *ishuv* judaico de Porto Alegre. Embora a novel república não seja nos limites em que todos almejavam, foi, apesar, disto muito comemorada”.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> Periódico sionista editado no Rio de Janeiro, criado em 1943 e publicado semanalmente sem interrupção até os anos 1970. Durante o período estudado, a revista, bastante conhecida pelos judeus de Porto Alegre, abordava aspectos referentes ao sionismo no Brasil e no mundo. Com o advento da Guerra de Independência, a revista criou uma seção intitulada *O reflexo dos acontecimentos na imprensa brasileira*, na qual acompanhava as notícias e a cobertura que os principais jornais, geralmente do centro do país, davam ao conflito.

<sup>5</sup> O Círculo Policial Porto-Alegrense era uma espécie de associação ou clube dos policiais do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Ver LISSOWSKY, Alexandre. *2000 Anos Depois. O Renascimento de Israel*. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1967. p. 468; 477-479.

<sup>7</sup> Cf. EIZIRIK, Moysés. Entrevista n. 290. 0. Acervo de História Oral do ICJMC/Depto de Memória. Porto Alegre, 14/03/1990.

<sup>8</sup> A reportagem intitulada: “Júbilo pela proclamação do Estado de Israel”, ainda refere: [...] A antecipação do momento da declaração colheu de surpresa a muitos, que a julgavam para sábado, e por isto, na noite de sexta-feira a alegria manifestou-se mais nos grupos de jovens que festivamente se reuniam nas ruas. Cf. *Aonde Vamos?* Rio de Janeiro, n. 262, 20 de Maio de 1948.

No Brasil, era possível aos judeus e demais cidadãos, acompanhar diariamente através da imprensa os acontecimentos na Palestina. Jornais como o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* noticiavam amplamente os eventos que se sucediam na região, notícias como a fundação do novo Estado e a guerra árabe-israelense ocupavam diariamente suas capas.<sup>9</sup>

Em meio a essas notícias, um anúncio publicado no *Diário de Notícias*, em 16 de maio, convidava a coletividade israelita de Porto Alegre para uma série de festejos relacionados à fundação de Israel.<sup>10</sup> Neste clima festivo, o jornal *Diário de Notícias* realizou nos dias 19, 20 e 21 de maio uma enquete perguntando: “Deve ou não ser sustentado o Estado de Israel?”,<sup>11</sup> mencionando que a mesma representava uma prova de fogo para organização que criou o Estado judeu: a ONU.<sup>12</sup>

Após a enquete, o *Diário de Notícias* publicou, em 22 de maio, uma extensa matéria assinada pelo jornalista Fúlvio da Silveira Bastos, intitulada “Nunca tão poucos lutaram contra tantos... Os israelitas de Porto Alegre confiam cegamente na vitória de Israel contra os árabes”.<sup>13</sup>

Nesta, foram entrevistadas pessoas conhecidas dentro e fora da coletividade israelita porto-alegrense como o senhor Leão Platcheck, classificado como *o chefe da circuncisão*, Jaime Seligman proprietário do *Bar Azul*, o Rabino Abraham Ramon König e Maurício Seligman, apresentado como líder comunitário e médico da Santa Casa de Porto Alegre.

Após descrever as entrevistas com os demais a reportagem referiu que “...o Dr. Maurício Seligman, em reunião realizada na semana corrente, foi indicado para coordenar e dirigir, juntamente com outros companheiros, uma série de medidas destinadas a auxiliar os judeus que neste momento lutam em defesa dos seus ideais na Terra Santa”. Em relação à guerra entre árabes e judeus, o médico mencionou:

---

<sup>9</sup> Manchetes publicadas na primeira página nos dias 14, 15 e 16 de maio respectivamente. Cf. A Entrega do Mandato será seguida da invasão pelos árabes e proclamação do Estado judaico. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 Maio de 1948; Um Sonho de 2000 anos Realizado. Surge novo Estado: Israel. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 15 Maio de 1948; Invadido o Estado judeu em três frentes e bombardeado pela aviação. Declarada a guerra na Palestina. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 Maio de 1948.

<sup>10</sup> À Coletividade Israelita de Porto Alegre. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 16 Maio de 1948. Anúncio. p. 21.

<sup>11</sup> No último dia a pergunta foi “Deve ou não ser mantido o Estado de Israel”. Ver *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 21 de Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7.

<sup>12</sup> Cf. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, dias 19 de maio de 1948. Última página. A pergunta “Deve ou Não Ser Sustentado o Estado de Israel” foi feita a três grupos sociais – intelectuais, políticos e profissionais liberais.

<sup>13</sup> Cf. BASTOS, Fúlvio da Silveira. “Nunca tão poucos lutaram contra tantos...” Os Israelitas de Porto Alegre Confiam Cegamente na Vitória de Israel Contra os Árabes. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 Maio de 1948. Reportagem. Fotos de Lauro Porto. Última página e continuação na p. 6.

Os judeus no presente conflito, estão se defendendo de uma agressão mais do que injusta. lutam por um direito não só histórico, como, ainda, por um direito reconhecido. Qualquer democrata está na obrigação de os auxiliar. São os judeus tradicionalmente pacíficos. Esta não é uma guerra de conquista [...]. Mas os judeus ganharão a tremenda batalha. Depois, então, poderão desfrutar a tranqüilidade de espírito que há tantos e tantos anos procuram, pois que há dois mil anos vivem cheios de apreensões. Na Alemanha, haviam assimilado o idioma desse país, contribuindo, ainda, com cientistas, técnicos e escritores para o progresso desse país. Vem o vendaval nazista e tudo derruba, ceifando brutalmente seis milhões de almas. Essa tem sido a sina do povo judeu. Mas agora ele há de encontrar a paz.

O repórter entrevistara ainda o sr. Marcos Jacobovich, que na foto publicada pelo jornal aparece cercado pelo seu genro Abraão Kripka, “pessoa de evidência na colméia judaica da capital gaúcha”, o qual referiu que os países que apoiaram a partilha da Terra Santa “por força moral também deveriam apoiar a execução dessa decisão, com todas as energias possíveis, e isso com a máxima urgência, evitando, assim, maior e inútil derramamento de sangue”

Ao anoitecer o repórter Fúlvio Bastos esteve presente à sinagoga, aonde ouviu Jaime Maltz e antes de retornar a redação e concluir a visita à “colméia judaica”, o jornalista foi até o Bar Azul, localizado na avenida Osvaldo Aranha. Neste, “a luz fluorescente deixava tudo com tons semi-azuis”. Segundo a reportagem, o proprietário, sr. Jaime Seligman, “por detrás do balcão, ia atendendo a freguesia, com a sua imperturbável calma. Quando entramos, um menino apontava para uns doces de formato curioso, perguntando o que era. Calmamente o sr. Seligman respondeu: são doces árabes, meu filho. E muito bons!”<sup>14</sup>

### **Fagulhas da Guerra em Porto Alegre: A Ofensiva Árabe**

Talvez os festejos em Porto Alegre acerca da fundação de Israel e a repercussão que isso causara por meio do jornal Diário de Notícias, na qual diferentes grupos sociais emitiram suas

---

<sup>14</sup> Ibid.

opiniões, bem como a manifestação de apoio ocorridas na Assembléia Legislativa e, por fim, as opiniões expressadas por judeus-porto-alegrenses, tornadas públicas pela reportagem de Fúlvio Bastos, tenham parecido demasiadas para a Colônia Sírio-Libanesa de Porto Alegre. Pois, nas lutas simbólicas de divisão do mundo social, a disputa pelo poder através da imposição de categorias, às vezes ao favorecer alguns grupos, relacionalmente, pode prejudicar outros.<sup>15</sup>

Enfim, o fato dos judeus se apresentarem e serem apresentados publicamente como civilizados, democratas, pacíficos, etc., fez com que seus opositores se sentissem prejudicados. Dentre outros motivos, para não ficarem rotulados como bárbaros, totalitários, intransigentes, etc., os árabes-porto-alegrenses resolveram igualmente manifestar-se, utilizando o mesmo espaço e a mesma forma como fizeram seus adversários.

Assim, no mesmo jornal do dia 22, em que era publicada a reportagem de Fúlvio Bastos sobre sua visita à “colônia judaica de Porto Alegre”, - um anúncio desperta a atenção pelo fato de aparecer pela primeira vez; trata-se de um “convite às coletividades Síria e Libanesa”.<sup>16</sup> O convite não vinha assinado, e seu conteúdo torna-se claro com a publicação do artigo intitulado: “A Posição da Colônia Sírio-Libanesa de Porto Alegre em Face da Conflagração na Palestina”, publicado no Diário de Notícias, em 25 de maio.<sup>17</sup>

Em entrevista à imprensa, o economista de origem libanesa, Abdalla Adalberto Creidy, “representante dos árabes” afirmava “possuir muitos amigos entre os judeus residentes em Porto Alegre, apreciando-os”, porém não concordava, “com certos israelitas fanáticos, que querem tratar o caso da Palestina insultando com palavras de baixo calão os inimigos”. Creidy ainda referiu que: “Na falta de palestínios aqui, os descendentes de qualquer dos Estados árabes tem o dever de colaborar para essa informação para que o conceito de distintos nacionais possa ser explanado com justiça, e para que unidos estejamos, e atentos, para revidar os insultos que nos sejam assacados”.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Sobre classificação, imposição e divisão do mundo social ver BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Poder Simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

<sup>16</sup> Cf. Convite às Coletividades Síria e Libanesa. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 Maio de 1948. p. 7. Sobre sírios e libaneses no Rio Grande do Sul ver KEMEL, Cecília. *Sírios e libaneses. Aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. Santa Cruz: Edunisc, 2000.

<sup>17</sup> A Posição da Colônia Sírio-Libanesa de Porto Alegre em Face da Conflagração na Palestina. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 25 Maio de 1948. Última página.

<sup>18</sup> *Ibidem*. Nos dois dias seguintes, 26 e 27 de maio, uma mesma e extensa nota oficial, era publicada no Diário de Notícias e Correio do Povo, respectivamente, com dois títulos diferentes. “Ponto de Vista das Comunidades Árabes

Dessa forma, com a intenção de se mostrar imparcial, o Diário de Notícias ouviu também as manifestações da “colônia Sírio-Libanesa”. Referindo na reportagem de 26 de maio: “a fim de encerrarmos nossa enquete sobre o caso da Palestina, procuramos recolher as impressões dominantes no seio da colônia Sírio-Libanesa e demais nacionais e descendentes de raça árabe”. Na reportagem, os sírio-libaneses de Porto Alegre, justificavam que a “singela nota” do sai 23 de maio fora publicada para que “a verdadeira posição do mundo árabe fique conhecida nessa luta em que enfrentam à invasão expansionista do sionismo”. Referia ainda que:

O caso da Palestina, o novo Estado de Israel, comentado pelo povo gaúcho, vem proporcionando manifestações de eminentes nacionais, homens de responsabilidade pública e escritores que honram a nossa cultura. Isto é a manifestação das opiniões livres em um país democrático. E por isso mesmo, são acatadas e respeitadas. No entretanto, assistimos entristecidos, nestes últimos dias, as manifestações dos judeus, que de uma forma, violenta e inadequada reputam legal a ilegalidade que praticam, tomando dos árabes as terras legítimas que estes herdaram, há milhares de anos, de seus próprios antepassados. [...] ...a propaganda judaica, usando e abusando dos meios de difusão, pretende inverter a situação. De invasores que são, querem ocupar o lugar de vítimas. Eles invadem a Palestina, investem contra a propriedade dos árabes tomando-lhes seus bens e distribuindo seus lares, e julgam que estejam sendo justos. Isso é uma rela e triste ironia!...<sup>19</sup>

Em 1º de junho dois extensos artigos pró-árabes foram publicados a pedido nos jornais de Porto Alegre, um, no *Correio do Povo*, intitulado: “Uma Pátria aos Judeus. Mesmo porque a Palestina tem dono: Os árabes”, de Luis Amaral, e o outro, no *Diário de Notícias* sob o enunciado: “Traição à paz”, de Carlos Lacerda.<sup>20</sup> O artigo de Lacerda terminava dizendo que

---

de Porto Alegre Sobre o Problema Criado com o Conflito na Palestina” e “A Coletividade Sírio-Libanesa de Porto Alegre e os sucessos da Palestina”. No mesmo dia 27, o Diário de Notícias apresentava em sua manchete de capa a seguinte frase: “Os Árabes não darão trégua a Israel”. Cf. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 26 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 Maio de 1948. p. 9; *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 27 Maio de 1948. Primeira página.

<sup>19</sup> Cf. Ponto de Vista das Comunidades Árabes de Porto Alegre Sobre o Problema Criado com o Conflito na Palestina. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 26 Maio de 1948. Última página e continuação na p. 7.

<sup>20</sup> Cf. A Pedido. AMARAL, Luis. Uma Pátria aos Judeus. Mesmo Porque a Palestina tem Dono: os árabes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1º Jun. 1948. p. 6; A Pedido. LACERDA, Carlos. Traição à Paz. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 1º Jun. 1948. p. 9.

estava na hora do “Itamaraty tranquilizar o país, pois a propaganda sionista já fala em embaixador judeu no Rio. Não tarde que volte a falar em soldados brasileiros na Palestina como há pouco tempo insinuava”.<sup>21</sup>

### O Acirramento do Conflito e o Armistício de Porto Alegre

No início de junho, intensificaram-se de parte a parte as publicações sobre o *caso da Palestina*. As manifestações, além de ocorrerem nos jornais, eram também transmitidas pelo rádio, no programa *Hora Israelita*.

Neste clima, no dia 2 de junho a *Folha da Tarde* publicou *a pedido*, o artigo: “Os Libaneses e a Luta na Palestina”, de autoria de Isaac Siminovich, advogado e dirigente da Organização Sionista do Rio Grande do Sul, o qual se apresentara como brasileiro, filho de judeus, que aqui aprendeu a cultivar os mais nobres sentimentos de são patriotismo e de gratidão. Neste, Siminovich afirmava que, na Segunda Guerra Mundial quem mais sofrera com o “bárbaro ataque à Civilização”, teriam sido os judeus, que contribuíram “para a vitória das Nações Unidas, guerra essa que custou às preciosas vidas dos nossos gloriosos pracinhas, que tiveram de lutar inclusive contra os povos árabes convencendo as hordas nazi-fascistas e o mundo da imbecilidade dos anti-semitas e de todos os matizes”.<sup>22</sup>

O artigo de Siminovich teve resposta imediata, visto que no dia seguinte, foi publicado, na mesma *Folha da Tarde* o extenso texto: “Respondendo aos Isaac’s”. O mesmo dizia: “enfim falaram os “isaac’s” pretendendo apresentar presumível coragem. Falaram para dizer um amontoado de mentiras, próprias da sua fraqueza”. Neste, os representantes do grupo árabe, esclareciam que vinham a público “para repelir ataques à dignidade da Síria e do Líbano, mesmo porque mantêm essas duas Nações as mais cordiais e sinceras relações diplomáticas com o

---

A relação entre Carlos Lacerda e a *questão Palestina*, é analisada na obra biográfica: DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Volume I: 1914-1960. [2 v.] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Sobre o tema confira também: WAINER, Samuel. *Minha razão de viver; memórias de um repórter*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 107-112.

<sup>21</sup> Em Porto Alegre o artigo de Lacerda foi novamente publicado “a pedido” no dia seguinte, em 2 de junho, no *Jornal do Dia*. Porém, sendo reproduzido de modo resumido, sem citar a autoria e com o seguinte título: Os árabes querem a independência da Palestina; judeus a querem escravizar. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 2 Jun. 1948. p. 3.

<sup>22</sup> À Pedido. SIMINOVICH, Isaac. Os Libaneses e a Luta na Palestina. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 2 jun. 1948. p. 3.



Brasil”. E que “lendo a pretensa intriga publicada na Folha da Tarde de ontem, lastimavam a mediocridade do sentimento judeu sobre patriotismo”.<sup>23</sup>

Conforme relatava a Comissão os árabes não eram fascistas e afirmavam isso não para os judeus, visto que suas opiniões não interessavam, mas sim, para o culto e distinto público brasileiro. Ao final, o artigo mencionava: “Agora, deixem senhores isaac’s em paz os libaneses e seus descendentes! Desta vez ainda não será o tal Estado Judeu. A ira de Deus continua em sua perseguição”.<sup>24</sup>

Também de forma imediata foi a resposta de Isaac Siminovich, que se deu com a publicação do artigo “Respondendo aos Isaacs”, em 4 de junho.<sup>25</sup> No dia seguinte, em 5 de junho, outros dois textos escritos por Luis Amaral, com o mesmo teor dos anteriores, foram publicados.<sup>26</sup> Em resposta aos artigos de Lacerda, Luis Amaral e aos textos da Comissão da Colônia Sírio-Libanesa, o contra-ataque judeu não viera por meio de um extenso artigo intitulado: “O Estado de Israel e seus detratores”. Publicado “a pedido” do “Comitê da Coletividade Israelita de Porto Alegre”.

No domingo, 6 de junho, os leitores que abriram o Diário de Notícias ou o Jornal do Dia se depararam com o texto assinado pelo “Comitê da Coletividade Israelita”. O mesmo ainda foi publicado no dia seguinte, na Folha da Tarde e, em 8 de Junho no Correio do Povo.<sup>27</sup> No mesmo dia ainda, mais três artigos pró-árabes foram publicados em periódicos da capital gaúcha e no dia seguinte, 9 de junho, mais dois artigos pró-árabes: foram publicados no Correio do Povo e no Diário de Notícias.<sup>28</sup>

<sup>23</sup> À Pedido. A COMISSÃO. Respondendo aos “Isaac’s”. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 3 jun. 1948. p. 8.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> Cf. À Pedido. SIMINOVICH, Isaac. “Respondendo aos Isaacs”. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 4 jun. 1948. p. 5.

<sup>26</sup> Cf. À Pedido. AMARAL, Luis. A Verdadeira Questão Judaica. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 5 Jun. 1948. p. 5; Guerra de Agressão. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 Jun. 1948. p. 5.

<sup>27</sup> Cf. À Pedido: O COMITÊ DA COLETIVIDADE ISARELITA DE PORTO ALEGRE. O Estado de Israel e Seus Detratores. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 6 Jun. 1948. p. 7; *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 6 Jun. 1948; *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 7 Jun. 1948. p. 6-7; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 13.

<sup>28</sup> Cf. AMARAL, Luis. ...E a Palestina Também. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 12; GUIMARÃES, Ruy S. Causas secretas da Guerra da Palestina: É uma luta religiosa. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 2; FONTES, Amauri. Revidamos aos insultos dos judeus. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8 Jun. 1948. p. 7. Cf. AMARAL, Luis. O comportamento da ONU. Os árabes lutaram tanto quanto nós, nas duas últimas guerras, ao lado das democracias. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 Jun. 1948. Noticiário. p. 5; GUIMARÃES, Ruy S. Justiça da Causa Árabe. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 9 Jun. 1948. p. 3.

Porém, neste mesmo dia os judeus receberam um apoio que desequilibrou o conflito. Trata-se de um artigo de resposta aos árabes, sob o título: “Onde estava, realmente, o Mufti?”, publicado na Folha da Tarde e assinado por 118 pessoas que se apresentaram como “Comissão de Brasileiros Cristãos, residentes no 6º Distrito desta Capital”.<sup>29</sup> Dentre outras assuntos, o texto ainda referia que: “Embora não sejamos orientais, mas genuinamente nacionais, nem por isso nos falecem conhecimentos para concluir que tal resposta não representa, em absoluto, a realidade dos fatos...”<sup>30</sup>

O artigo, de modo geral, fazia uma crítica ao Mufti por ter apoiado o Eixo na Segunda Guerra, e por ter combatido “os soldados das Democracias e os nossos queridos pracinhas”. O mesmo também afirmava que não seriam alguns “insensatos, montados em lombos de camelo, a vomitar impérios, modificar os sentimentos pacatos, mas viris, do povo brasileiro”. O texto citava ainda nomes de brasileiros que se manifestaram contra o anti-semitismo e a favor da manutenção do Estado de Israel, bem como o de “brasileiros que pregavam o anti-semitismo ou se manifestaram contra o Estado judeu”.<sup>31</sup>

Além do apoio público dos *genuinamente nacionais*, diariamente, vinham sendo publicados anúncios, nos jornais da capital, convidando a população de Porto Alegre para assistir a “grandiosa sessão pública” que seria realizada no dia 14 de junho no Teatro Carlos Gomes, com a finalidade de solicitar ao governo brasileiro que reconhecesse o Estado judeu. O evento seria promovido por “um grupo de elementos dos mais representativos da intelectualidade gaúcha”.<sup>32</sup> Neste, que contou com a presença de políticos e intelectuais, foi lida uma moção de reconhecimento enviada posteriormente ao presidente Eurico Gaspar Dutra. Ao encerrar “a reunião, Moisés Vellinho solicitou à Assembléia que, de pé, mais uma vez, mostrasse o seu

<sup>29</sup> Segundo, Jayme Wainberg (industrial e político), em entrevista concedida a Moysés Eizirik: No bairro Tristeza, na zona sul de Porto Alegre, formou-se um largo círculo de amigos, que posteriormente, em 1947, criaram o Comitê do 6º Distrito Pró-Criação de um Estado judeu na Palestina. (EIZIRIK, 1986, p. 124).

<sup>30</sup> Cf. À Pedido. Onde estava, realmente, o Mufti? *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 9 jun. 1948. p. 7.

<sup>31</sup> Aparecem os nomes de alguns *intelectuais* e *políticos* que opinaram na enquête do *Diário de Notícias*, tais como: Tarso Dutra, Alcides Flores Soares Júnior, Leonel Brizola, Francisco Brochado da Rocha, Érico Veríssimo, Moisés Vellinho, Manoelito de Ornellas, Coelho de Souza, entre outros, conforme mencionei anteriormente. Cf. À Pedido. Onde estava, realmente, o Mufti? *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 9 jun. 1948. p. 7.

<sup>32</sup> Cf. Movimento para que o Brasil reconheça o Estado de Israel. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 11 Jun. 1948. p. 2. O Convite intitulado *O Reconhecimento do Estado de Israel pelo Brasil* foi publicado nos dias 11, 12 e 13 de junho de 1948 nos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal do Dia*. Esse tipo de evento, de apoio ao reconhecimento de Israel pelo governo brasileiro, ocorreu em muitas cidades do país.

desejo de ver concretizado o reconhecimento pelo governo brasileiro do Estado de Israel, aplaudindo a moção [...] que lera ao princípio da magna reunião”.<sup>33</sup>

A partir do dia 10 de junho, não foram mais encontrados nenhum artigo publicado *a pedido* nos jornais sobre o conflito árabe-judeu em Porto Alegre. No entanto, no dia 18 do mesmo mês, localizei no *Diário de Notícias* uma reportagem intitulada: *Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas*.<sup>34</sup>

Conforme apresentei no início do texto, esta notícia resulta de uma reunião, ocorrida em 16 de junho de 1948, no *Círculo Policial Porto-Alegrense*, entre os representantes das colônias israelita e sírio-libanesa de Porto Alegre mediada por Hélio Carlomagno, diretor da Delegacia de Segurança Social e Economia Popular (DESSEP). Segundo informa o jornal, agindo como *um autêntico Conde Bernadotte gaúcho* conseguiu *pacificar as duas colônias*.

A notícia referia que “o drama da Palestina, entre judeus e árabes afetou, como era natural, as colônias israelita e sírio-libanesa, não só de Porto Alegre como de todas as cidades do Brasil”. No entanto, “nesta capital, esses grupos, através de publicações na imprensa local e de divulgações no rádio, vinham apresentando as suas razões, para justificar o sério conflito em curso...” E quando o assunto já “descambava para um terreno delicado, para não dizermos perigoso os líderes da coletividade judaica e sírio-libanesa, da metrópole gaúcha, deliberaram expor a questão ao dr. Hélio Carlomagno”. Após escutar os representantes das comunidades, o mediador sugeriu uma reunião na sede do *Círculo Policial*, idéia aceita por ambos. Assim, “...na noite de quarta-feira os amplos salões do Círculo Policial ficaram repletos de filhos de descendentes de judeus e árabes, que em Porto Alegre se dedicam aos mais variados misteres”.<sup>35</sup>

A reportagem concluía referindo que com a mediação realizada por Carlomagno, encerrou a polêmica entre israelitas e sírio-libaneses. Porém, outra notícia publicada no mesmo periódico, um dia antes, colocava em risco o armistício. Esta anunciava a vinda a Porto Alegre do *eminente jornalista e tribuno* Carlos Lacerda, que em 21 de junho, através de uma palestra no Cinema

<sup>33</sup> Cf. O Reconhecimento do Estado de Israel pelo governo do Brasil. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 17 Jun. 1948. p. 7. Nesta extensa notícia além da transcrição da moção dirigida ao governo brasileiro, encontram-se muitas informações sobre o evento ocorrido em 14 de junho de 1948.

<sup>34</sup> Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. Última página.

<sup>35</sup> Cf. Tudo bem em Porto Alegre. Harmonizados os Árabes e os Israelitas. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. Última página.

Imperial, “falaria ao povo do Rio Grande”. Sua presença em Porto Alegre foi amplamente noticiada tanto pelo *Diário de Notícias*, quanto por outros jornais.<sup>36</sup>

Lacerda chegou em 20 de junho, domingo, viera “à convite de amigos a fim de pronunciar uma conferência sobre o Mundo Árabe”. No Aeroporto São João, ao desembarcar do avião da *Cruzeiro do Sul* foi cumprimentado por “jornalistas, amigos, admiradores e por seus correligionários da UDN”. Em Porto Alegre, o *dedicado batalhador da imprensa* foi homenageado pela Associação Rio-Grandense de Imprensa.<sup>37</sup>

Em meio à presença de Lacerda e após o armistício, os líderes das colônias israelita e sírio-libanesa, manifestaram suas opiniões sobre a reunião no Círculo Policial e sobre a presença do *eminente jornalista* em Porto Alegre.

Abdalla Adalberto Creidy, em entrevista ao *Diário de Notícias*, elogiando o mediador referiu que: Carlomagno “expressou-se de maneira brilhante em suas declarações ao Diário de Notícias, revelando não só o pensamento de árabes e judeus residentes no Rio Grande do Sul, mas, também, radicados em todo o país, externando assim, o pensamento de todos os bons brasileiros”. O líder árabe ainda mencionou que: “ambas as comunidades somente desejam trabalhar para o progresso e a grandeza deste país generoso, que é o Brasil”. Sobre as conferências de Lacerda disse ele que: “a vinda daquele polemista a Porto Alegre já há um mês que estava sendo aguardada pela colônia sírio-libanesa da capital, mas que ela não tinha a menor ligação com os fatos, ou, melhor, com as polêmicas travadas entre as coletividades sírio-libanesa e israelita Porto-Alegrenses”.<sup>38</sup>

Por sua vez, conforme o mesmo jornal, “Maurício Seligman, mostrou-se também reservado, afirmando, apenas, que, efetivamente, na sede do Círculo Policial, filhos e descendentes de judeus e árabes, haviam firmado um armistício”. Ao final, a reportagem mencionava: “sabemos, ainda, que a conferência do jornalista Carlos de Lacerda está sendo aguardada com vivo interesse

<sup>36</sup> Cf. Carlos Lacerda, eminente jornalista e tribuno, falará ao povo do Rio Grande, segunda-feira próxima, dia 21 do corrente, às 20 horas, no Cinema Imperial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 18 e 19 de Junho. 1948. Ambas notícias localizadas na Última página; Chegará Hoje o Jornalista Carlos Lacerda. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 Jun. 1948; Em Porto Alegre o Jornalista Carlos Lacerda. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. Última página; Carlos de Lacerda. Eminente jornalista e tribuno falará ao povo do Rio Grande do Sul, segunda-feira próxima, dia 21 do corrente, às 20 horas, no Cinema Imperial. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 18 Jun. 1948. p. 8; Chegada do jornalista Carlos de Lacerda. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. p. 8.

<sup>37</sup> Cf. Chegará Hoje o Jornalista Carlos Lacerda. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 Jun. 1948. p. 10.

<sup>38</sup> A Conferência do Sr. Carlos Lacerda poderá refletir no “armistício” árabe-israelita. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19 Jun. 1948. Última página.

pela colônia israelita. E que do tom da mesma dependerá a continuação do modus-vivendi estabelecido entre as duas coletividades”, citando a mesma que: “o dr. Hélio Carlomagno, ontem, à tarde, manteve, em seu gabinete de trabalho, na DESSEP, uma longa conferência com os líderes sírio-libaneses locais”.<sup>39</sup>

Sobre a conferência de Lacerda, o Diário de Notícias informa que naquela noite de 21 de junho, no Cinema Imperial, “...literalmente cheio, teve lugar sua anunciada conferência sobre os acontecimentos da Palestina”. Por sua vez, o Correio do Povo noticiou que o palestrante desenvolveu “as premissas de sua tese, contrária a formação do Estado de Israel falando por mais de duas horas”. Suas “considerações fundamentaram-se não no anti-semitismo, que considera absurdo e prejudicial, mas no [...] direito líquido e certo dos povos árabes: a posse do território da Palestina”. E, ao final, “fez um apelo no sentido de que os brasileiros não reconheçam o Estado de Israel...”. Ainda refere o periódico que “o orador foi ouvido sempre com muito interesse, sendo, ao final, entusiasticamente aplaudido pela assistência, em grande parte composta por membros da colônia Sírio-Libanesa”.<sup>40</sup>

A presença de Lacerda na capital gaúcha e sua conferência acerca da *questão palestina*, conforme é possível acompanhar nos jornais dos dias seguintes, não interferiram no armistício. Encerrava-se dessa forma, o conflito árabe-israelita de Porto Alegre, que repercutira no centro do país.<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Ibid.

<sup>40</sup> Cf. Homenagem ao Jornalista Carlos Lacerda. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. Última página; Cf. Em Porto Alegre o Jornalista Carlos Lacerda. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 Jun. 1948. Última página. ainda dizer que Lacerda palestrou sobre o mesmo tema nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>41</sup> Localizei na revista *Seleções Sionistas* de 1962 - editada pela Organização Sionista Unificada do RS - dois textos: *Porto Alegre homenageou Theodor Herzl*, de Samuel Goldfeld e *O destino sabe sempre achar um caminho*, de Orlando Loureiro que apresentam um encontro posterior entre os personagens do conflito árabe-israelita, ocorrido 14 anos depois do conflito de 1948. Trata-se de uma confraternização ocorrida, em 22 de julho de 1962 entre árabes e judeus em torno de um ato público, no qual o largo em frente ao Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre seria denominado de *Largo Theodor Herzl*. Neste, a prefeitura Municipal de Porto Alegre inaugurou uma placa de bronze, com o busto de Herzl em relevo, em homenagem ao idealizador de Israel. No evento, estiveram presentes além das autoridades municipais, dos membros da comunidade judaica e dos representantes da Associação Rio-Grandense de Imprensa, os membros do Lions Clube Porto Alegre-Farrapos, apoiadores da idéia, e os quais tinham como seu “governador” o advogado “árabe” Jamil Aiquel que, após proferir suas palavras congratulou-se com a colônia israelita pelo acontecimento. Encerrando a solenidade o Prefeito Loureiro da Silva, “em vibrante improviso, agradeceu a iniciativa do Lions Clube Farrapos, enaltecendo a figura do homenageado, [...], lembrou a efetiva colaboração da coletividade israelita na vida do Município”. Cf. GOLDFELD, Samuel. Porto Alegre homenageou Theodor Herzl. In: *Seleções Sionistas*, Porto Alegre, n. 5, Ano III, julho-agosto, 1962. p. 14-16.

## O Jogo das Identidades

Após a reunião realizada no Círculo Policial, estavam apaziguados os ânimos de judeus, sírio e libaneses em Porto Alegre, agora restava a ambos os grupos viver como *bons brasileiros*. Em outras palavras, a identidade incorporada abordada aqui, para o grupo étnico judeu trata-se da identidade nacional israelense e, para os árabes, as identidades nacionais síria e libanesa.

Ao longo do conflito, judeus e árabes não se mantiveram eqüidistantes do que acontecia na Palestina. Ao defenderem seus pontos de vista, acionando suas respectivas nacionalidades; estavam também negociando sua identidade nacional brasileira, segundo a definição de Jeffrey Lesser, segundo este autor:

O sentimento de serem diferentes e, mesmo assim, semelhantes era particularmente visível entre os não-europeus, que tinham mais a ganhar abraçando *tanto* uma nacionalidade brasileira uniforme, tal como imaginada, *quanto* suas novas etnias pós-imigratórias. Essas identidades eram múltiplas e muitas vezes contraditórias, e os símbolos disponíveis para serem usados e retrabalhados estavam em constante fluxo. [...] Esses imigrantes (e seus descendentes) insistiram que novas categorias hifenizadas deveriam ser criadas sob a rubrica de *brasileiros*.<sup>42</sup>

Conforme Lesser, “os imigrantes e seus descendentes desenvolveram maneiras sofisticadas e bem-sucedidas de tornarem-se brasileiros, alterando a idéia de nação, tal como proposta pelos que ocupavam posições de domínio”. Assim, “em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua niponicidade ou sua libanicidade tanto quanto sua brasilidade”.<sup>43</sup>

Tanto judeus, quanto sírios e libaneses, ao se apresentarem publicamente como apoiadores dos aliados e combatentes ao lado destes na Segunda Guerra, como defensores da democracia e da liberdade, não manifestavam apenas suas idealizações para as jovens pátrias emergentes, pois para eles, defender estes valores, era também uma forma de se mostrarem como *bons brasileiros*,

<sup>42</sup> Cf. LESSER Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 19-20.

<sup>43</sup> Cf. LESSER, 2001. p. 17-36.

visto que desse modo se auto-representavam, desejando serem vistos e reconhecidos assim pelos demais.

Através dos artigos publicados nos jornais, os respectivos grupos denunciaram e responderam acusações com o objetivo de mostrarem suas virtudes. Lutavam simbolicamente, disputando o reconhecimento público e o poder de nomear a si mesmos e, por extensão, ao outro. Afirmar que lutavam por uma causa justa, significava taxar seu adversário de injusto, apresentar-se como civilizado ou defensor da liberdade, significava classificar o outro como bárbaro e opressor. Ambos os grupos sentiram-se atingidos com a opinião dos representantes locais de seus adversários e, devido a isso reagiram.

O apoio dos brasileiros, isto é, os de fora destas fronteiras étnicas, para um ou outro grupo, fazia pesar a balança ora para um lado, ora para outro, legitimando as razões de árabes e de judeus, acima de tudo, criando um canal comum de diálogo, reconhecendo nos grupos diferenças e semelhanças que os aproximavam ou distanciavam da comunidade maior. Negociavam assim a identidade nacional brasileira, formando assim identidades hifenizadas.

Por fim, imigrantes sírios, libaneses, judeus e seus descendentes, durante este período, *jogaram o jogo das identidades*, conforme a definição de Stuart Hall, pois ao acionar múltiplas identidades, incorporando suas *novas* nacionalidades, apresentaram-se também como brasileiros, sendo vistos como tais.

### **Acervos e Arquivos consultados**

Acervo do Correio do Povo. Porto Alegre/RS.

Arquivo Particular Josef Szulin Halpern – ICJMC.

Arquivo Particular Maurício Seligman – ICJMC.

Instituto Cultural Judaico Marc Chagall - ICJMC. Porto Alegre/RS.

Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. Setor Imprensa. Porto Alegre/RS.

### Referências Bibliográficas

BARTEL, Carlos Eduardo. *Os emissários sionistas e o nacionalismo judaico no Rio Grande do Sul. 1945-1952.* (Dissertação de Mestrado). PPGH – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas.* São Paulo: Brasiliense, 1990.

DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador.* Volume I: 1914-1960. [2 v.] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

EIZIRIK, Moysés. *Imigrantes Judeus - Relatos, Crônicas e Perfis.* Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KEMEL, Cecília. *Sírios e libaneses. Aspectos da identidade árabe no sul do Brasil.* Santa Cruz: Edunisc, 2000.

LESSER Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.* São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 19-20.

LISSOWSKY, Alexandre. *2000 Anos Depois. O Renascimento de Israel.* Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1967.

MEDOFF, Rafael. *Militant Zionism in América: the rise and impact of Zionism the Jabotinsky movement in the United States, 1926-1948.* Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2002.

MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica.* Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi.(Org.) *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2005.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver; memórias de um repórter.* 9ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1987.